

Uma análise de três gerações em *Diário da Queda*

A three generational analysis in Diário da Queda

*Bruna Anselmo Oliveira Balan**

*Elisabete Ferraz Sanches***

Resumo

Em “Luto e melancolia” (Trauer und Melancholie) de 1917, Freud desenvolve sua teoria da melancolia, a qual será posteriormente ampliada em outras obras. Essa inicial concepção de melancolia é produzida comparativamente aos conceitos de luto, narcisismo e mania, daí a possibilidade de examinar, em convergência com esses conceitos, uma obra de ficção que constrói personagens com características muito próximas ao processo de luto e/ou estado de melancolia, sendo necessário considerar o narcisismo na análise proposta. Embora o autor da obra Diário da Queda (2011), Michel Laub, não tenha tido a intenção de escrever um livro ilustrativo da teoria freudiana, a narrativa apresenta as impressões do protagonista, em relação a seu avô e a seu pai, que confluem com as palavras freudianas ao desenvolver a teoria da melancolia em 1915. O presente trabalho buscará, então, uma interpretação possível sobre as questões do protagonista em articulação com a teoria freudiana.

Palavras-chave: luto, melancolia, objeto.

Abstract

In “Mourning and Melancholia” (Trauer und Melancholie) 1917, Freud developed his theory of melancholia, to be further expanded in other articles. This initial conception of melancholy is construed through the comparison of the concepts of mourning, narcissism and mania, leading to the possibility of examining, in convergence with these concepts, a work of fiction that clearly presents characters in mourning and / or state of melancholy process, making

* Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. E-mail: bruna_anss@yahoo.com.br

** Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, FFLCH-USP. Bolsista CNPq. E-mail: efs@usp.br

it necessary to consider narcissism in the proposed analysis. Although the author of the book in question, Diário da Queda (2011), Michel Laub, had no intention of writing a book illustrative of Freudian theory, the book recounts the main character's impressions of his grandfather and father, that confluence with the Freud's development of the theory of melancholy in 1915. This paper aims the possible understanding of the protagonist's issues in conjunction with Freudian theory.

Keywords: *mourning, melancholy, object.*

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos a análise proposta, faz-se necessário apresentar uma breve sinopse de *Diário da queda*, livro do gaúcho Michel Laub, publicado em 2011. Como o próprio título sugere, a obra aproxima-se do gênero *diário* em que o personagem-narrador – judeu e neto de um sobrevivente de Auschwitz – começa a contar sobre sua adolescência, momento em que se passa o episódio no qual ele e seus amigos, propositalmente, derrubam um colega de escola (que não era judeu como eles) durante a festa de aniversário deste, machucando-o gravemente. Depois do incidente, o genitor e o narrador saem da escola e passam a frequentar uma outra instituição de ensino, agora não mais destinada a judeus. É nesse local onde o protagonista, ironicamente, sofrerá hostilidade por parte dos colegas por ser, agora, o único judeu no grupo (seria, em menor grau, uma repetição da experiência de hostilidade vivida por seu avô durante o holocausto?). As consequências da queda do colega de escola se projetarão em diversos momentos para o narrador, fazendo-o refletir sobre as posteriores fases de sua vida, como a crise do seu casamento, mudança de cidade e, principalmente, sua relação com o pai e o avô. O romance, então, passa a refletir sobre as três gerações (avô, pai e narrador) e o que tais lembranças e experiências parecem ter em comum umas com as outras.

AS TRÊS GERAÇÕES

O narrador conta a história do avô, fugido do regime nazista alemão que, ao que tudo indica, passava pelo processo de luto, perpetuado durante toda sua vida – o que certamente deve ter marcado profundamente o pai do protagonista. Enquanto o avô é descrito no processo de luto, o pai é visto como uma pessoa fria, melancólica e narcisista, mas menos idealista que o pai, já que este, pelo luto constante e por conta das perdas causadas pela sua condição de judeu no regime nazista, cometeu suicídio. O narrador-protagonista, então, parece viver na tentativa de superar o idealismo do avô e o pragmatismo do pai, buscando a quebra do ciclo que se criou durante as gerações, isto é, o trauma do avô que influenciou o filho e, posteriormente, o neto.

Vale pontuar um pequeno artigo, intitulado “Luto e melancolia”, em que Freud¹ apresenta a concepção do ego relacionada à perda, já que este será um viés a se considerar na leitura do romance sugerida aqui. O título do texto freudiano vem do método de pesquisa adotado por ele, ou seja, a “comparação” (*Vergleichung*), que aparece desde o início do escrito onde afirma que as perturbações narcisistas foram estudadas em comparação ao sonho, o que leva a uma possível análise sobre a melancolia em relação ao luto – levando em conta uma grande semelhança entre os dois estados. O disparo para ambas parece ser o mesmo, isto é, a “perda” (*Verlust*), o que pode justificar a comparação do “luto” (*Trauer*) com a “melancolia” (*Melancholie*).

Luto, segundo Freud (2011 [1917]), seria uma “reação” normal e não patológica a perda de um ente querido ou equivalente. É a realização de um trabalho, chamado “trabalho do luto” (*Trauerarbeit*) (p. 251), ou seja, quando há perda do ente e quando o “teste de realidade” (p. 250) apresentar isso ao ego, então, este terá de realizar o trabalho de “respeito” por tal realidade de perda retirando a libido do objeto perdido. O normal é que haja uma resistência a esse processo, mas sem grande intensidade. O

1 “Trabalho redigido em 1914 e publicado em 1917, que pode ser considerado uma extensão do artigo sobre narcisismo que Freud publicou em 1914.” Cf ZIMERMAN, D. E. (2008) *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*, p. 254.

estado patológico no luto, isto é, a melancolia, pode surgir se a resistência a um não trabalho de luto acontecer. Se a não retirada da libido do objeto se fizer de maneira adequada, poderá ocorrer a negação do ego da realidade. Portanto, o trabalho do luto deve cessar o investimento² de libido no objeto perdido, sendo um trabalho doloroso e lento, pois o ego está totalmente dedicado a ele, acarretando em um desinteresse pelo mundo externo.

Assim como o luto, a melancolia também é uma “reação à perda”, mas de um objeto mais ideal do que real e, por isso, a dificuldade do luto acontecer. No processo de luto, a perda foi de um objeto real, enquanto que na melancolia – considerado um estado patológico –, o objeto perdido é um objeto ideal. Isso tem como consequência que a perda na melancolia se dá internamente sem que o sujeito saiba exatamente o objeto concreto perdido. Por isso o trabalho do luto da perda parecer enigmático aos outros; enquanto que no luto, há consciência de quem e o que se perdeu. Além disso, segundo Freud (2011 [1917]), a principal diferença entre luto e melancolia está no que é desvalorizado, pois se o trabalho do luto deve desvalorizar o mundo externo para retirar a libido que estava ligada ao objeto perdido, o trabalho da melancolia não vem acompanhado de mera desvalorização do mundo externo, mas do próprio ego. O melancólico degrada-se perante todos, demonstrando baixa auto-estima. O alcoolismo do narrador de *Diário da queda* poderia ser lido por esse prisma, pois sua autodestruição desmascara sua suposta inferioridade, ao contrário do que seria o luto, no qual o mundo está esvaziado e não o ego. Daí surge o problema diferencial da melancolia em relação ao luto, essa “perda relativa ao seu ego” (Freud, 2011 [1917], p. 253).

Para solucionar essa contradição entre perda de objeto e perda do ego, Freud (2011 [1917]), mobiliza as três principais instituições do ego: a consciência, a censura da consciência e o teste de realidade. Na melancolia, a “censura da consciência” (p. 253) será a causa do quadro clínico da perda

2 Investimento ou catexia, “*Besetzen*, no original alemão, significa ocupar, guarnecer. Freud fazia a comparação com uma força militar de ocupação que pode ser deslocada para uma ou outra posição, segundo as necessidades. Na vigência da teoria econômica da psicanálise, Freud atribuía grande importância à quantidade de catéxis investida nos objetos.” Cf ZIMERMAN, D. E. (2008) *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*, p. 67.

do objeto transformado em perda do ego, ou seja, a censura do objeto amado transformou-se em censura do ego, havendo, portanto, a autodepreciação e autodestruição na toxicomania. É possível pensar no livro de Michel Laub em convergência com tal teoria, pois o estado de melancolia e o sintoma do alcoolismo no protagonista teriam como causa uma perda em relação ao pai ou ao avô: o narrador procura, a todo instante, escrever sua autêntica história sem deixar-se levar (mesmo que pareça impossível) pelo mau humor do pai, pela tristeza que sempre pairou sobre sua família, pelas piadas na escola por ser judeu, a vontade de ser um homem relativamente comum e, talvez, o desejo de não ter a história de *Auschwitz* em suas veias. Ao ler os escritos deixados pelo avô, o pai apresenta mudanças, já o filho-protagonista sente, em dados momentos, certo “desprezo” do pai em relação a ele, pois sente não corresponder ao filho que o pai desejara. O desprezo pode ser interpretado como essa perda em relação ao pai, já que o filho não se sente objeto de amor paterno. Pode-se pensar, no caso do filho, que a libido foi reinvestida em outro objeto depois de liberada, já que não encontrou lugar no pai: “a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado” (Freud, 2011 [1917], p. 254). Com essa “identificação” (*Identifizierung*) entre objeto e ego, explica-se a identidade de perda do objeto e perda do ego, já que é como se houvesse um luto duplo no melancólico, porque se identifica com o objeto perdido e ao mesmo tempo com o ego, por isso “uma perda objetual se transformou numa perda do ego” (Freud, 2011 [1917], p. 255). Os sintomas agressivos, a perda de controle emocional e o vício do narrador podem, portanto, serem lidos nessa chave.

Para Freud (2011 [1917]), a causa da identificação melancólica do eu com o objeto é o “narcisismo” (*Narzißmus*): “a tendência a adoecer de melancolia (ou parte dessa tendência) reside na predominância do tipo narcisista de escolha objetual” (p. 255). O investimento normal de libido aos objetos é substituído por um investimento de amor no próprio ego: o narcisismo. Em havendo perda do objeto, haverá perda do ego, já que aí

predominará a “identificação narcisista” (p. 255) (*narzißtische Identifizierung*). A identificação narcisista substitui o modo normal de investimento de amor ao objeto, mas por que há essa substituição?

Em “Sobre o narcisismo” (1914), Freud explica que a escolha objetal se dá pela pessoa que cuida da criança em sua tenra infância, ou seja, a sua mãe ou outro substituto. O normal da escolha objetal seria, então, a escolha por um outro que se preocupe com ela e a satisfaça, o que Freud (2011 [1914]), chama nesse texto de “tipo de inclinação” (*Anlehnungstypus*) (p. 94), isto é, aquele que necessita de apoio do outro para satisfazer esse instinto na infância e que determina a escolha objetal. Para Freud (2011 [1914]), a “escolha objetal completa” seria mais ligada ao homem, e a mulher apresentaria, portanto, uma escolha objetal incompleta e, de modo geral, elas alcançariam a completude na maternidade:

[...] para as mulheres narcisistas, cuja atitude para com os homens permanece fria, há um caminho que eleva ao amor objetal completo. Na criança que geram, uma parte de seu próprio corpo as confronta como um objeto estranho, ao qual, partindo de seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo. (p. 96)

A mulher ama seu filho como parte sua e, portanto, o narcisismo permanece. A outra opção seriam as mulheres que “se sentem masculinas”, o que não é o caso de desenvolver aqui. A questão principal seria antes: por que há então o narcisismo entre os homens? Ele advém do narcisismo dos pais, e esse “narcisismo primário” (p. 97) é gerado na criança por estes mesmos cuidadores que atribuem a máxima perfeição ao filho, já que ele é parte do pai – um narcisista por excelência – e, amando o filho, estaria amando a si mesmo. Os pais fixam um ideal de ego à criança e essa o toma como ego ideal: o narcisista amará esse ego ideal a partir do seu ego real: “Esse ego ideal é agora alvo do amor de si desfrutado na infância pelo ego real.” (p. 100).

No narcisismo primário, a “criança perfeita” do pai narcisista sente e acostuma a libido a algo que jamais desejará abandonar: “O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal.” (p. 101). O narcisismo do

avô no romance de Michel Laub pode ser observado na narrativa: “[...] os lembretes do meu avô podem ser resumidos na frase *como o mundo deveria ser*” (Laub, 2011, p. 133), o que leva a crer que o avô teria deixado um legado de como as próximas gerações deveriam agir de acordo com o seu ponto de vista narcisista, sua história em *Auschwitz* e seu idealismo.

No romance, o avô, por ter vivido o trauma do campo de concentração, quer passar para as novas gerações esse mesmo sentimento traumático, sobretudo, de uma forma repressiva que será vivida pelo filho e neto. É como se estes fossem obrigados a carregar o peso do judaísmo, negá-lo seria uma traição à cultura e ao sofrimento de todos os judeus de *Auschwitz*. O ideal do ego imposto pelo avô narcisista é introjetado como consciência pelo filho e neto de alguma forma: “A instituição da consciência foi, no fundo, uma personificação, primeiro da crítica dos pais, e, depois, da sociedade.” (Freud, 2011 [1914], p. 102). Vê-se aí, então, Freud desenvolvendo o conceito de ego como amor de si, como eu narcisista, no qual a libido é direcionada ao eu, e, portanto, essa mesma libido não alcança os objetos restantes, o que neste caso corresponderia à escolha objetal completa. Pode-se responder, assim, a pergunta deixada atrás em relação ao artigo *Luto e melancolia*, sobre a substituição da escolha objetal pela escolha narcísica. O avô, portanto, pode ser compreendido como narcisista por querer projetar sua dor para o outro e acreditar que toda ela será o centro do universo de outras gerações, de outros tempos e outros espaços.

A melancolia se dá, como dito antes, pela identificação narcisista com o objeto, porque a própria escolha objetal foi uma escolha narcisista, o objeto perdido era parte do próprio eu. O eu é agora julgado pela “instância crítica” do eu (*Ichkritik*), pois a “sombra do objeto caiu sobre o ego” (Freud, 2011 [1917], p. 254), e o ego é abandonado enquanto objeto. Dessa forma “uma perda objetal transformou-se numa perda do ego” (p. 255). A melancolia pressupõe uma forte “fixação” no objeto, por isso a sua perda torna-se perda do ego, porque essa fixação se deu pela escolha narcisista de objeto. Freud vai além e afirma que a melancolia é uma “regressão da catexia objetal para a fase oral ainda narcisista da libido” (p. 255), pois há uma intensa absorção do objeto no ego, como que indicando um “canibalismo” do ego, o “canibalismo” da fase oral.

A melancolia empresta, então, parte do seu caráter do luto – o caráter de perda de objeto – e a outra parte do seu caráter do narcisismo, o “processo de regressão da escolha narcisista de objeto” (p. 257). Na narrativa em questão, a “perda do objeto” tornada “perda do ego” chega ao ponto do suicídio, como no caso do avô, já que o assassinato do objeto é suicídio e a degradação do objeto é a degradação do eu, daí o “conflito de ambivalência” (*Ambivalenzkonflikts*) (p. 256).

Conhecendo esse arcabouço teórico freudiano, é possível, entre outras leituras plausíveis, perceber a confluência entre as palavras do psicanalista e o comportamento dos personagens principais do *Diário da queda*, de Michel Laub, como melancólicos e narcisistas. O avô, rememorado e descrito com narcisismo acentuado pela sua experiência traumática no campo de concentração de *Auschwitz*, é profundamente idealista, como pode ser observado na passagem do livro em que apresenta a descrição do “bebê ideal” (LAUB, 2011, p. 46), entre outras idealizações contidas nos seus escritos, feitos no seu escritório de maneira metódica a partir de uma certa época da vida.

As memórias deixadas pelo avô apontam para a necessidade de um sobrevivente da Segunda Guerra de transmitir à próxima geração todo sofrimento e revolta vividos, sem se importar com o sofrimento que ele pudesse trazer aos outros. Pelo contrário, são os outros que deveriam anular suas vidas em detrimento do sofrimento de quem o transmite. Ao escrever suas memórias de maneira quase fantástica, já que a idealização chega a ser a negação do real e a criação de um mundo imaginário, é possível supor que o avô tenta lidar com a perda do objeto, que caracteriza o luto e parte da melancolia. O luto teve como provável causa a experiência traumática do campo de concentração, o mundo real é inconcebível e está morto para o avô: “para meu avô esse mundo real significava Auschwitz” (Laub, 2011, p. 133).

Aquilo que Freud chamou de “teste de realidade” (*Realitätsprüfung*) pode ser notado no excessivo pessimismo do avô (que além do suicídio, deixa seus escritos idealizados) e no pai do protagonista, presente na expressão que aparece repetidas vezes na obra: a lei da “inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares” (Laub, 2011, p. 134). Trauma de *Auschwitz* e negação da realidade estão muito presentes na

personalidade do avô, que não toca no assunto de forma alguma (sintoma do trauma), nem nos escritos pessoais. Essa condição, de algum modo, foi passada para as duas gerações seguintes já que se identificavam por serem judeus, quase como “uma grande família”.

É interessante notar como as gerações recorrem à escrita para deixarem seus rastros narcisistas às próximas gerações, isto é, parecem escrever não apenas como uma forma de organizar o pensamento e reelaborar a própria vivência, mas também como uma maneira de dizer “como se deve fazer”. No caso do avô, as memórias idealizadas aparecem “como o mundo deveria ser”, demonstrando a negação da realidade vivida no campo de concentração. Os verbetes dos cadernos do pai apontam para a continuação dos escritos do avô, carregando ainda o trauma de *Auschwitz*. Para o neto, a escrita também aparece como uma forma de deixar o seu legado: afirma que sua terceira esposa está grávida e seus escritos provavelmente serão lidos pelo bebê ainda no ventre da mãe.

O que poderia ser chamado de “processo de cura” ou ao menos de cicatrização de uma ferida, no caso *Auschwitz*, presentifica-se nas gerações de *O diário da Queda*. O avô transmite o trauma para o filho, que o vivencia de maneira mais branda que a do próprio pai. O neto, por sua vez, sentirá o trauma e, ao negá-lo, buscará uma autodestruição mais tênue do que a do avô, o que pode ser notado na sequência das gerações: o suicídio do avô (total aniquilamento), passa para a doença de Alzheimer do pai (morte parcial, por se tratar do esquecimento de uma parte da vida), depois o alcoolismo do filho (uma destruição gradual e reversível) e, por fim, o nascimento do bisneto (a esperança e a viabilidade da experiência humana).

Enquanto o livro do primo Levi, *É isto um homem*, lido pelo pai, registra a rotina do campo de concentração, o livro do avô nega essa realidade pela criação de um mundo ideal e mais fácil de caber dentro de si, lugar tomado de um sofrimento insuportável e inexprimível em palavras. As memórias do avô encobrem defensivamente, portanto, o livro descritivo do primo Levi. Este, no entanto, é descoberto pelo pai que, não podendo encobri-lo, revela a verdade ao filho que, de algum modo, viverá os resquícios do trauma de uma geração passada. Há uma tentativa do filho de não

transmitir o sofrimento judeu para o bebê que ainda virá ao mundo, paradoxalmente, no entanto, deixa registrado em seu livro todo o sofrimento de três gerações.

É possível esquecer *Auschwitz*? É possível lembrá-lo apenas como “um fato que foi e já passou...”? Não. Qual legado deixado aos judeus e gentios? Talvez o de recordar, repetir e reelaborar.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Obras Psicológicas Completas – Vol. XIV* Edição Estandart Brasileira. Editora Imago (2011).
- _____. (1917). Luto e melancolia. *Obras Psicológicas Completas – Vol. XIV* Edição Estandart Brasileira. Editora Imago (2011).
- Laub, M. (2011). *Diário da queda*. Companhia das Letras, São Paulo.
- Levi, Primo. É isto um homem? Tradução de Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- Zimerman, D. E. (2008). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Artmed, Porto Alegre.